

Editorial

Nas últimas cinco décadas, o Brasil passou por transformações demográficas significativas, cujas consequências foram alterações importantes no perfil de morbidade e mortalidade. De um país rural, no qual predominavam as doenças infecciosas, parasitárias e carenciais, somos hoje um país urbano, que, embora não tenha ainda resolvido todos os problemas de saúde característicos do subdesenvolvimento, adquiriu um perfil nosológico típico de economias desenvolvidas, com predomínio de doenças cardiovasculares degenerativas e neoplasias de vários órgãos.

As neoplasias, dada a sua prevalência, necessitam estar incluídas nas preocupações e projetos de gestores da área de educação e saúde. Os currículos das escolas superiores da área de saúde devem ter como prioridade a inclusão dos aspectos etiológicos, fisiopatológicos e terapêuticos, sem esquecer dos fatores de risco sociais e ambientais - associações, muitas vezes, tão ou mais importantes do que aquelas de natureza biológica. Tais conhecimentos, hoje pulverizados nas várias áreas que compõem o currículo médico, precisam estar organizados dentro de uma disciplina específica dedicada à oncologia.

Da mesma maneira, os recursos financeiros destinados à assistência aos pacientes oncológicos devem ser direcionados não apenas às instituições diretamente responsáveis pelo cuidado deste tipo de paciente. A alta prevalência de doenças neoplásicas determina o aumento de demanda nas várias estruturas de cuidados de saúde da rede, que passam a receber pacientes em fases diversificadas da doença, desde os assintomáticos, ainda necessitando de rastreamento e prevenção, àqueles em fases avançadas de evolução, fora de possibilidades terapêuticas, cujo melhor cuidado a ser oferecido é o conforto da palição.

Do ponto de vista da pesquisa, um centro de excelência acadêmica não pode prescindir de estrutura material, suporte financeiro e recursos humanos que estabeleçam e sustentem programas de investigação na área.

O presente fascículo da **Revista HUPE**, dedicado à oncologia e tendo como panorama o congresso comemorativo do 53º aniversário do Hospital Universitário Pedro Ernesto, pretende discorrer sobre algumas destas questões.

Boa leitura!

Roberto A. Lourenço
Editor executivo